

Resumo

A pandemia da COVID-19 gerou um contexto de crise nos negócios devido à imposição de restrições de movimentação, limites à capacidade de viagens e diminuição drástica da demanda, especialmente no setor turístico.

a) Objetivos do estudo: O estudo buscou responder se houve diferenças estatisticamente significativas nas respostas frente à COVID-19 de micro, pequenas e médias empresas, MPMEs, do setor turístico comparativamente a MPMEs de outros setores econômicos.

b) Metodologia: Para analisar um conjunto único de dados de 6.138 MPMEs brasileiras, adotou-se um método quase-experimental com a composição de um grupo de tratamento, formado pelas MPMEs atuantes no ramo de turismo, e um grupo de controle, composto por MPMEs dos demais setores. Para minimizar possíveis vieses relacionados à heterogeneidade própria das MPMEs e dos respectivos responsáveis, realizou-se um pareamento entre os participantes de cada grupo. Em seguida, aplicou-se o teste t para avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos grupos.

c) Principais resultados: Os achados revelaram diferenças observáveis entre os grupos de tratamento e controle. Contudo, após o pareamento, o tratamento pelo teste t não apontou diferenças estatisticamente significativas nos efeitos de atuar no ramo de turismo ou nos demais ramos nas variáveis analisadas.

d) Contribuições acadêmicas: Apesar da abundância de literatura sobre como organizações respondem a crises e choques externos, estudos empíricos são menos comuns, logo, esse estudo contribuiu para a compreensão mais completa do fenômeno.

e) Contribuições práticas: Considerando a escassez de recursos e atenção, o estudo é um instrumento de apoio ao desenvolvimento de políticas e estratégias específicas para as empresas do setor turístico.

Palavras-chave: MPMEs; turismo; choque externo; COVID-19; incerteza.

**SPECIFICITIES OF THE RESPONSES OF MICRO, SMALL AND MEDIUM-SIZED
TOURISM ENTERPRISES IN THE CONTEXT OF CRISIS**

Abstract

The impacts of external shocks and systemic crises, such as the COVID-19 pandemic, have markedly affected business strategies and operations, especially impacting micro, small, and medium-sized enterprises (MSMEs). These companies face unique challenges, such as reduced demand and a shortage of credit. In the tourism sector, particularly, restrictions on movement and limits on travel and social events have drastically decreased demand, resulting in severe economic losses. Therefore, this study has the following specifications:

a) Objectives of the study: To find differences in the responses of micro, small, and medium-sized enterprises (MSMEs) in the tourism sector to external shocks, compared to MSMEs in other economic sectors.

b) Methodology: Analysis of a unique dataset of 6,138 Brazilian MSMEs and the impacts of COVID-19 on them through a quasi-experimental method. To minimize biases, the MSMEs of the treatment group, companies in the tourism sector, and the control group, constituted by MSMEs from other sectors, were paired, and the t-test was applied to assess whether there are significant differences between the means of the groups.

c) Main results: The findings reveal observable differences between the treatment and control groups. However, the significant reduction in heterogeneity through data matching allowed more accurate inferences about the impact of the studied variables, and the analysis of post-pairing means did not show statistically significant differences between the groups, suggesting that the observed variations may be attributed to chance or to variables not considered by the study.

d) Academic contributions: There is an abundance of literature on how organizations respond to crises and external shocks in theory, but empirical studies such as this one, focused on the company level, are less common and contribute to a more complete understanding of the phenomenon.

e) Practical contributions: This study contributes to the development of specific policies and strategies for the tourism sector, aiming at the preservation of tourism and the maintenance of jobs and local income.

Keywords: MSMEs; tourism; external shock; COVID-19; uncertainty.

1. Introdução

A ocorrência de choques externos e crises sistêmicas tem afetado profundamente o desempenho das empresas em todo o mundo. Esses eventos imprevisíveis e de grande magnitude, tais como a pandemia da COVID-19, foram considerados como desafios complexos para as empresas. Esses eventos foram denominados “*global society shock*” pois seu impacto na sociedade é significativo e global, e afetaram o ambiente econômico, político e social, causando incertezas e mudanças significativas nas operações empresariais, nas decisões de investimento, no comportamento dos consumidores e nas estratégias empresariais (Papadopoulos, Baltas & Balta 2020) pois, traz desafios políticos e de governança corporativa. Diante de uma ampla agenda de pesquisa, um tópico de relevância crescente foi o crescimento e a sobrevivência das empresas em resposta a eventos extremos (Linnenluecke, 2017).

Embora os efeitos da crise tenham sido generalizados e percebidos por um número relevante de empresas, há especificidades que foram reconhecidas (Bartik, Bertrand, Cullen, Glaeser, Luca & Stanton, 2020; Holcombe, 2013; Fairlie, 2020). As micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) tiveram como desafio particular a necessidade de superar a simultânea diminuição da procura e a significativa redução do crédito financeiro disponível. As MPMEs são a espinha dorsal das economias em todo o mundo pois respondem por uma grande parcela da produção econômica internacional e muitas delas estão inseridas em cadeias de valor globais. As pressões da demanda fraca e do crédito restrito causadas pela COVID-19 resultaram em uma taxa de fechamento sem precedentes (Juergensen, Guimón, & Narula, 2020). O contexto institucional e geográfico em que surgem as crises é outra especificidade que requereu consideração. Os contextos dos países menos desenvolvidos foram caracterizados por alta volatilidade econômica, com sistemas financeiros e de crédito imaturos e empresas deficientes em termos de capacidades humanas e tecnológicas (Feitosa & Garcia, 2022).

As políticas orientadas à sobrevivência e redução de vulnerabilidades das MPMEs são amplamente reconhecidas por sua importância e frequentemente debatidas por especialistas em políticas públicas em todo o mundo. No entanto, há menos consenso em relação às políticas setoriais que devem ser adotadas diante da natureza da crise em curso. Por exemplo, o enfrentamento da crise pela COVID-19 exigiu a proibição da circulação de pessoas e a imposição de quarentenas e *lockdowns*. Assim, os setores da economia que são mais afetados pelas medidas de restrição de circulação e distanciamento social apresentam expectativas mais negativas em relação à sua recuperação da crise causada pela pandemia de Covid-19, quando comparados a outros setores (Bartik et al., 2020).

Um dos principais afetados pela restrição de circulação e distanciamento social é o turismo. Essas medidas restritivas limitaram a capacidade de viagens e encontros sociais, reduzindo a demanda por serviços de turismo e prejudicando a economia das empresas e destinos turísticos. A interrupção do turismo internacional também agravou os impactos econômicos, visto que muitos países dependem da indústria do turismo como fonte de receita. Por exemplo, estudos demonstram que um incremento de 1% nas chegadas de turistas ou no transporte aéreo gera um aumento entre 0,41% e 0,17% no crescimento econômico (Adedoyin, Erum & Bekun, 2022). Portanto, as empresas turísticas tiveram que adotar medidas para se adaptar à nova realidade e implementar protocolos de segurança para garantir a continuidade das operações.

Diversas políticas foram implementadas para mitigar os impactos da COVID-19 nas MPMEs em todo mundo, incluindo medidas de incentivo financeiro, como linhas de crédito com condições facilitadas e prorrogação de prazos para pagamento de impostos. Além disso, foram criados programas de capacitação e treinamento para ajudar os empreendedores a lidarem com as incertezas

e mudanças causadas pela pandemia. Tais políticas buscam preservar os empreendimentos e a geração de empregos e renda local.

A despeito da ampla literatura acerca das respostas organizacionais em resposta a choques externos e crises, grande parte dessas análises e métodos são conduzidas de forma agregada e uma menor atenção tendo sido dada a estudos no nível da empresa, sobretudo em pesquisas que comparam empresas turísticas com aquelas atuantes em outros setores econômicos. Um motivo para a carência desses estudos é o nível de agregação dos dados da conta de produção divulgados pelo IBGE (2022), sendo uma alternativa possível o uso de indicadores do mercado de trabalho para avaliar o desempenho do turismo (Araújo, Lino & Feitosa, 2015; IPEA, 2016; Gonçalves, Faria & Horta, 2020).

Este estudo investiga se há diferenças nas respostas de MPMEs no turismo em comparação aos demais setores econômicos. Mais especificamente, investiga-se essas diferenças em termos de performance, vulnerabilidade e incerteza entre as MPMEs. Espera-se, assim, contribuir para o desenvolvimento, formulação e avaliação de políticas e estratégias específicas para o setor do turismo, com o objetivo de sustentar a oferta turística a longo prazo. Para tanto, adota-se o método quase experimental usando um conjunto de dados exclusivo desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) para investigar os impactos da COVID-19, e que abrange 6.138 MPMEs com sede no Brasil.

O artigo está organizado da seguinte forma. A seção 2 apresenta uma revisão da literatura sobre a relação entre crises, vulnerabilidade e performance de MPMEs. A Seção 3 descreve a metodologia e o banco de dados e a Seção 4 relata os principais achados e a discussão. Por fim, as conclusões são apresentadas em seguida.

2. Revisão de literatura

O choque externo causado pelo COVID-19 foi percebido como um evento inesperado, pois provocou mudanças abruptas que surpreenderam as organizações. Eventos incertos ou inesperados não tem uma probabilidade de ocorrência calculável (Blavatsky, 2021), apesar de haver métodos para identificar momentos de alta incerteza (Dibiasi & Iselin, 2021). Assim, espera-se que algumas organizações sejam mais eficazes em responder ou mesmo sobreviver a eventos inesperados, abruptos e/ou extremos do que outras em contextos semelhantes. Estudiosos incorporaram o termo “resiliência” para explicar esses diferentes desempenhos, o que significa características inerentes àquelas empresas que são capazes de responder mais rapidamente, recuperar mais rapidamente ou desenvolver formas mais incomuns de fazer negócios sob pressão do que outras (Amore 2015; Aristei, Sterlacchini & Venturini, 2017; Lee, Neil, Sameen & Cowling; OCDE, 2009; Sidorkin & Srholec 2014; Paunov 2012; Linnenluecke 2017).

No caso das micro, pequenas e médias empresas (MPMEs), há razões para esperar que sejam mais vulneráveis perante um contexto de crise. Primeiro, elas têm recursos financeiros mais escassos, precisam lidar com maiores obstáculos ao acessar financiamento bancário e são mais propensas a pagar taxas de juros mais altas (Mulhern, 1996; Domac & Ferri, 1999; Özar, Özertan & Irfanoğlu, 2008). Em segundo lugar, essas empresas têm deficiências relativas em termos de capacidades tecnológicas, gerenciais e humanas, o que pode reduzir sua capacidade de lidar adequadamente com o curso de uma crise econômica (Forbes, 2002; Beck, Demirgüç-Kunt, & Maksimovic, 2005; Butler & Sullivan 2005; Das & Pradhan 2009). Finalmente, a relativa dependência das MPMEs de um conjunto limitado de clientes e fornecedores e mercados pode resultar em maiores obstáculos para sustentar sua atividade durante a crise (Nugent & Yhee 2002; Butler & Sullivan 2005; Narjoko & Hill 2007).

A literatura identificou outras características das MPMEs que podem determinar seu desempenho durante uma recessão, elas são mais flexíveis quando se adaptam a uma desaceleração econômica, pois são relativamente menos resistentes à inércia, rigidez e custos irrecuperáveis (Tan & See 2004; Varum & Rocha 2013). Elas também são menos dependentes de créditos formais quando comparadas às suas contrapartes maiores, que tendem a ser mais sobrecarregadas com dívidas (Sato, 2000; Wengel & Rodriguez 2006). Assim, apesar das habituais deficiências, as MPMEs podem ser mais eficazes na manutenção dos seus níveis de emprego e assim contribuir para o processo de recuperação econômica.

Os fatores determinantes para a sobrevivência das empresas podem ser divididos em dois grupos. Sendo que o primeiro grupo investigou o capital humano, incluindo as características pessoais dos empresários, como idade, sexo, escolaridade, independência financeira, experiências passadas e senso de oportunidade. Já o segundo grupo analisou as características da empresa e/ou do ambiente em que está inserida, considerando fatores como idade, tamanho, setor de atividade, atividades inovadoras, origem do capital, apoio governamental e atividades de exportação (Botelho, 2018). Para este estudo, foram relevantes as características da empresa relacionadas ao tempo e tamanho do negócio, setor de atividade, faturamento e relação com financiamento e empréstimos.

Além disso, não há um único fator que possa ser responsabilizado isoladamente pelo encerramento precoce das atividades de uma empresa. Além das características empresariais, os fatores que contribuem para a mortalidade empresarial são interligados e dependem, em grande parte, da atuação do empreendedor, que tem uma influência significativa no desempenho e sobrevivência da empresa, especialmente em situações de crise que exigem respostas rápidas (Ferreira & Gyourko 2015).

2.1 Choques externos, crises e turismo

Diversos estudos foram conduzidos com o objetivo de compreender as implicações dos impactos externos, tais como a pandemia da COVID-19, na indústria do turismo global. A adoção de medidas restritivas à mobilidade em larga escala impôs desafios complexos para empreendedores e organizações que buscam se estabelecer em um ambiente turbulento.

Ao realizar uma revisão da literatura sobre a relação entre a COVID-19 e a indústria do turismo, Yang, Zhang & Rickly (2021) argumentaram que a pandemia causou impactos inigualáveis para o setor turístico global. Kocak (2022) enfatizou que a pandemia de COVID-19 resultou em consequências catastróficas para a indústria turística, e que cabe aos governos elaborarem políticas para conter a propagação da doença e restaurar a atividade turística. A indústria do turismo, e especialmente a demanda turística internacional, é amplamente reconhecida como suscetível a crises ou desastres, conforme evidenciado pela literatura (Cró & Martins, 2017) e a pandemia de Covid-19 elevou as percepções de risco das viagens (Rahman, Gazi, Bhuiyan, & Rahaman, 2021).

Um estudo realizado na China com 4.807 micro e pequenas empresas, no período da pandemia de Covid-19, apontou que muitas empresas enfrentaram riscos de fluxo de caixa, já que precisaram continuar pagando despesas fixas, apesar de terem pouca ou nenhuma receita (Yi, Jing, Junlin & Li, 2020), logo, durante períodos de baixa atividade é necessária responsabilidade financeira e gestão adequada de recursos para uma empresa manter a capacidade de pagamento de suas contas em dia.

A hipótese de a incerteza econômica ter diferentes efeitos sobre o turismo de saída e o turismo doméstico foi testada e se concluiu que o desenvolvimento do turismo pode ser um sinal de estagnação econômica, pois pode ocorrer uma migração dos gastos de turismo de saída para o turismo doméstico (Nguyen, 2020). Há evidências de que a incerteza da política econômica global pode ter um impacto positivo na demanda por quartos de hotel em Cingapura, devido à sua posição como um centro comercial e financeiro estável, em relação a outros destinos (Lee & How, 2022).

Os fatores que determinam a sobrevivência de MPMEs brasileiras nos setores de turismo e atividade criativa e as orientações aos formuladores de políticas públicas e empresários sobre as ações para desenvolver empresas mais resilientes em contextos de crises foram estudados por Pereira & Feitosa (2022). Como pequenas e médias empresas do setor de hospedagem inovaram em resposta aos desafios apresentados pela pandemia da COVID-19 e como o processo de recuperação dessas empresas foi não linear devido às mudanças constantes nas fontes de incerteza e no capital dos empreendedores foi demonstrado por Zhang (2023). As empresas inovaram principalmente em termos de produtos e marketing, o que gerou novas incertezas.

3. Métodos

3.1 Dados e amostra

Este trabalho utilizou um conjunto de dados exclusivo, composto por 6.033 MPMEs com sede no Brasil, para testar as hipóteses propostas. Essa base de dados foi coletada por meio de uma pesquisa *online* (*web survey*) conduzida pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), com o objetivo de investigar os impactos da COVID-19. A amostra representa estatisticamente um universo de 17,2 milhões de MPMEs localizadas no país e abrange respondentes dos 26 estados e o distrito federal. A coleta foi realizada entre 28 de setembro de 2020 e 01 de outubro de 2020, com um erro amostral de aproximadamente 1% e intervalo de confiança de 95%.

A partir do conjunto de 6.033 MPMEs, elas foram divididas para a constituição de dois grupos: um grupo de tratamento, formado pelas empresas do setor turístico, e outro grupo de controle, composto pelas demais empresas que atuam em 19 outros setores. Dessa forma, a população total é composta por 173 empresas no primeiro grupo e 5.860 no segundo. A análise das diferenças entre esses grupos foi realizada utilizando o teste *t*, uma técnica estatística que permite comparar as médias de duas amostras independentes para determinar se existem diferenças estatisticamente significativas entre elas. Esse teste é adequado para os dados, pois as variações dentro dos grupos são assumidas como homogêneas, e a igualdade das médias é testada sob um nível de confiança de 95%.

3.2 Quase-experimento

Foi realizada uma pesquisa quase-experimental com delineamento *ex-post facto* para testar as hipóteses propostas neste trabalho. O estudo foi classificado como quase-experimental devido à presença de um grupo de controle e um grupo de tratamento, comparáveis em termos de características observáveis. No entanto, a designação dos participantes para o grupo de tratamento não foi feita através de randomização, mas sim baseada na autoidentificação dos respondentes, que declararam atuar no setor turístico. Essa falta de randomização impede que o estudo seja considerado um experimento verdadeiro, pois a seleção não aleatória pode introduzir vieses relacionados à escolha do grupo, afetando a generalização dos resultados.

Os procedimentos de pareamento foram realizados para definir os grupos amostrais de tratamento e controle e comparar as MPMEs que atuam no turismo e nas demais atividades. Para esse fim, adota-se um pareamento de vizinho mais próximo (*nearest neighbor*, NN=1), que equipara as unidades de tratamento e controle com os mesmos valores de todas as variáveis utilizadas no procedimento de *matching*, formando subclasses de análise que foram ponderadas para garantir o balanceamento final.

No processo de pareamento, as unidades de tratamento receberam peso um, enquanto os pesos das unidades de controle foram proporcionais ao número de unidades tratadas correspondentes. O tamanho desse grupo de tratamento é definido pelo total de empresas que declararam atuar no ramo de turismo. Foi assegurado que a soma dos pesos de controle fosse igual ao número de unidades de controle combinadas exclusivamente, sendo que unidades incomparáveis receberam peso zero. As variáveis observáveis utilizadas no processo de pareamento foram: (i) porte da empresa; (ii) tempo

do negócio; (iii) idade; (iv) sexo; (v) escolaridade; e (vi) região do país. Essa ação diminuiu heterogeneidades individuais entre cada par de empresas, para eliminar diferenças sistemáticas importantes na amostra que pudesse interferir no resultado e isolar o efeito de pertencer ao grupo de tratamento ou controle como a causa dos resultados observados.

Conforme a literatura sobre pareamento baseado em simulação, se a variável defasada não estiver associada ao tratamento, mas relacionada ao desfecho, ela deve ser utilizada para fins de pareamento, mas se a variável estiver relacionada ao tratamento, pode aumentar o viés de estimativa (Brookhart, Schneeweiss, Rothman, Glynn, Avorn, & Stürmer, 2006).

3.3 Contexto da pesquisa

As MPMEs têm uma grande importância na economia brasileira, representando grande parte das empresas do país e sendo responsáveis por mais da metade dos empregos formais. Apesar disso, essas empresas enfrentam desafios como a falta de acesso a crédito e a competitividade com grandes empresas, o que exige políticas públicas específicas para seu fortalecimento. A COVID-19 agravou ainda mais essa situação, tornando urgente a adoção de medidas para garantir a sobrevivência dessas empresas e a retomada da economia.

Nos últimos anos, a importância das MPMEs tem sido amplamente discutida no Brasil, levando à criação de um amplo arcabouço legal específico e a ações governamentais de apoio diferenciado para o segmento. Desde a promulgação da Lei Complementar nº 123 de 2006, que instituiu o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, conhecida como Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas ou Lei do Super Simples, houve uma expansão na formulação e implementação de políticas públicas voltadas para o segmento (Arroio & Scerri, 2014; Nogueira, 2016).

No turismo, o governo brasileiro tem empreendido diversos esforços para garantir a sobrevivência de MPMEs. O Programa de Qualificação para o Turismo, PROQUALI, oferece treinamentos para MPMEs do setor de hospedagem, enquanto o Fundo Geral do Turismo, FUNGETUR, recebeu seu maior orçamento histórico em 2020 para ofertar capital de giro às MPMEs impactadas pela pandemia Covid-19, aumentando o número de regiões turísticas beneficiadas e o uso do recurso para despesas como salários e aluguel (Mottin, Lago, de Meza & Guimarães, 2022).

3.4 Variáveis

As variáveis observadas pelo estudo, foram selecionadas para identificar as diferenças nas respostas frente a COVID-19 das MPMEs, do setor turístico comparativamente a MPMEs de outros setores econômicos. Dentre as variáveis disponíveis no questionário elaborado e aplicado pelo SEBRAE, as selecionadas no estudo foram justificadas teoricamente, conforme quadro 1.

Quadro 1- Variáveis dependentes utilizadas para analisar a resposta a COVID-19.

Variáveis	Justificativas	Referências
Funcionamento (interrompido/fechou=1)	Interrupções ocasionadas pela COVID-19 afetaram as MPMEs em razão da queda nas receitas, pois, muitas não conseguiam cobrir acima de 2 meses de despesas, sem o faturamento.	Santos & Moreira 2021; Bartik, Bertrand, Cullen, Glaeser, Luca, & Stanton, 2020.
Dívidas/empréstimos (em atraso=1)	Possuir empréstimos em atraso indica má gestão do fluxo de caixa, e leva ao aumento dos custos ocasionado pela cobrança juros de mora.	Clemente, Andrade, Stoppa & de Oliveira Santos, 2020.
Buscou empréstimos (sim=1)	A dependência de crédito pode gerar problemas financeiros para as MPMEs. O controle orçamentário é uma resposta decorrente das percepções dos gestores sobre a crise.	Bilk, Silva & Lavarda, 2021; Beck, Demirgüç-Kunt & Maksimovic, 2005.
Faturamento (aumentou=1)	O aumento do faturamento torna as empresas mais atrativas para os investidores, mas a incerteza agravada pela COVID-19 teve impacto negativo sobre as receitas turísticas.	Chisadza, Clance, Gupta & Wanke, 2022;. Santos & Moreira, 2021; Alves, Lok, Luo & Hao, 2020.
Lançamento de novos produtos/serviços (sim=1)	O aumento da diversificação de produtos e a exploração de novos mercados são estratégias de mudança e inovação que podem fortalecer a posição de mercado de uma empresa.	Zare, Khafri, Sheikh, Aboumasoudi & Khademolqorani, 2023; Melián-Alzola, Fernández-Monroy & Hidalgo-Peñate, 2020; Alves, Lok, Luo & Hao, 2020;
Número de pessoas ocupadas	A COVID-19 ocasionou um choque econômico e perdas maciças de emprego gerando um impacto negativo na economia local.	Herbane, 2020; Humphries, Neilson & Ulyssea, 2020; Altig, Baker, Barrero, Bloom, Bunn, Chen & Thwaites, 2020.
Volta ao normal (meses)	As expectativas da empresa em relação aos eventos relacionados à crise foram fundamentais e podem ser medidos.	Kawaguchi, Kodama & Tanaka, 2021; Marschner & Ceretta, 2021.
Situação atual (Possui dificuldade=1)	Limitações de tempo e custo em reagir às condições ambientais sob COVID-19 foram dificuldades apresentadas pelas empresas.	Ali, Suleiman, Khalid, Tan, Tseng & Kumar, 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As variáveis mencionadas no quadro 1 foram mensuradas através da quantidade média de MPMEs em relação ao total de participantes do grupo.

Com relação as variáveis independentes utilizadas nesse estudo e expostas no quadro 2, destacam-se as que foram empregadas na formação do score do propensity score matching, PSM, para diminuir a heterogeneidade entre as MPMEs do grupo de controle e tratamento, de forma que pertencer ou não a um dos grupos, seja a diferença os participantes.

Quadro 2- Variáveis independentes utilizadas no pareamento entre os grupos pelo PSM.

Variáveis	Justificativas	Referências
Porte da empresa.	É provável que o tamanho tenha um efeito indireto no crescimento da empresa, porque as empresas maiores enfrentam obstáculos de financiamento, legais e de corrupção significativamente menores que as MPMEs.	Beck, Demirgüç-Kunt & Maksimovic, 2005.
Tempo do negócio	Tempo da empresa reflete seu ciclo de vida e é uma das variáveis uteis para medir a resiliência de um negócio.	Iborra, Safón & Dolz, 2020; Bilk, Silva & Lavarda, 2021.
Idade do empreendedor.	A idade tem uma relação linear fraca e uma possível relação em forma de U com o sucesso.	Zhao, O'Connor, Wu & Lumpkin, 2021.
Sexo do empreendedor.	Empresas de propriedade feminina, em geral, parecem ter resultados de negócios médios mais baixos do que as empresas de propriedade masculina, e em outro estudo, a diferença de gênero não parece ter efeito.	Kiefer, Heileman & Pett, 2022; Rahaman, Luna, Mite, Islam & Wafik, 2021.
Escolaridade do empreendedor.	A resiliência é predita pelas características do nível da empresa (localização, idade, tamanho) em vez das características do administrador.	Herbane, 2020.
Região do país de localização da empresa.	A resiliência de uma PME pode refletir a contiguidade locacional com outros negócios e as experiências relacionadas ao local.	Herbane, 2020.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

4. Resultados e discussão

Os resultados desta pesquisa foram organizados em dois grupos principais. Primeiramente, as MPMEs do turismo (grupo de tratamento) foram comparadas as demais MPMEs pesquisadas, totalizando 6.033 empresas. Em seguida, foram avaliados os efeitos da crise nas empresas do grupo de tratamento em relação às empresas do grupo de controle selecionadas a partir de um pareamento.

Como pode ser observado na Tabela 1, as empresas MPMEs do grupo de tratamento apresentaram resultados significativamente melhores do que as MPMEs do turismo (grupo de tratamento). Enquanto o grupo de tratamento apresentou uma média de 0,3077 de empresas com funcionamento interrompido e/ou fechada, o grupo de demais MPMEs teve uma média significativamente menor de 0,1576. No que diz respeito às empresas com dívidas e/ou empréstimos em atraso, o grupo de tratamento teve uma média de 0,3077, enquanto o grupo de demais MPMEs apresentou uma média menor de 0,3028. Já no caso de empresas que buscaram empréstimos, o grupo de tratamento teve uma taxa significativamente maior de 0,6154, enquanto o grupo de demais MPMEs apresentou uma taxa menor de 0,5183.

Tabela 1 – Resultado comparativo do grupo de tratamento e controle.

Variáveis	Tratamento N = 173 Média	Desvio padrão	Controle N=5.860 Média	Desvio padrão
Funcionamento (interrompido/fechou=1)	0,3077	0,4803	0,1576	0,3644
Dívidas/empréstimos (em atraso=1)	0,3077	0,4803	0,3028	0,4595
Buscou empréstimos (sim=1)	0,6154	0,5063	0,5183	0,4997
Faturamento (aumentou=1)	0,0769	0,2773	0,1034	0,3045
Lançamento de novos produtos/serviços (sim=1)	0,2308	0,4385	0,3987	0,4896
Número de pessoas ocupadas	6,69	16,17	5,01	8,7876
Volta ao normal (meses)	13,46	8,41	11,55	8,6418
Situação atual (Possui dificuldade=1)	0,5385	0,5188	0,4271	0,4947

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em relação ao aumento de faturamento, o grupo de tratamento apresentou um resultado menor em relação às demais MPMEs, com uma média de 0,0769 contra 0,1034, respectivamente. Em relação ao lançamento de novos produtos/serviços, o grupo de demais MPMEs obteve um resultado superior ao grupo de tratamento, com um índice de 0,3987 contra 0,2308. Já em relação ao número de pessoas ocupadas, o tratamento apresentou um resultado superior ao grupo de demais MPMEs, com uma média de 6,69 em comparação com 5,01. Em relação à expectativa de volta ao normal, o grupo de tratamento apresentou uma média de 13,46 meses, enquanto o grupo de demais MPMEs apresentou uma média de 11,55 meses. Finalmente, em relação à declaração de possuir dificuldades, o grupo de tratamento apresentou um resultado superior ao grupo de demais MPMEs, com um índice de 0,5385 contra 0,4271, respectivamente. Os resultados sugerem diferenças significativas entre os dois grupos em relação a cada uma das variáveis analisadas.

Apesar dessas diferenças, a análise detalhada considerou que as MPMEs são altamente heterogêneas, e apresentaram diferentes tamanhos, tempo de existência, região de localização e características socioeconômicas dos empreendedores. Para superar esse obstáculo em termos analíticos, foi utilizada a técnica estatística de *Propensity Score Matching* (PSM) com o objetivo de criar grupos comparáveis em estudos observacionais não randomizados. Essa técnica permitiu minimizar o viés de seleção e tornar os grupos de tratamento e controle comparáveis em relação às características relevantes para o estudo, aumentando assim a confiabilidade dos resultados. A técnica PSM é amplamente utilizada em pesquisas empíricas e possibilita uma análise mais precisa dos efeitos de políticas públicas ou de outras intervenções em empresas ou indivíduos.

Portanto, a técnica PSM permitiu a criação de grupos comparáveis entre as empresas observadas, considerando sua heterogeneidade em termos de porte, tempo de existência, idade, sexo, escolaridade e região do país. Dessa forma, foram constituídos grupos de tratamento e controle, cada um com 173 empresas. Ao todo, 5.687 observações foram excluídas da amostra de empresas tratadas, resultando em uma redução significativa na heterogeneidade entre os grupos. O algoritmo de pareamento de vizinho mais próximo (*nearest neighbor*, NN=1) foi utilizado para o pareamento das variáveis, e os resultados do balanceamento em ambos os grupos são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Resultado do balanceamento pelo método *nearest neighbor matching*.

Variáveis	Controle	Tratamento
All	5.860	173
Matched	173	173
Unmatched	5.687	0

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A técnica PSM se mostrou eficaz para lidar com a dificuldade de comparar as micro, pequenas e médias empresas no país em estudos observacionais não randomizados, permitindo a obtenção de inferências a partir de amostras com tamanhos adequados. Assim, foi possível concluir que o pareamento foi bem-sucedido, pois encontrou-se um vizinho para cada MPME tratada, logo as variáveis ficaram bem balanceadas após o pareamento.

Ademais, a Tabela 3 revela que o grupo de tratamento apresentou uma proporção maior de empresas com dívidas/empréstimos em atraso (0,3077) em comparação com o grupo de controle (0,4546). No entanto, a proporção de empresas com funcionamento interrompido/fechado não apresentou grande diferença entre os grupos (0,2727 para o grupo de controle e 0,3077 para o grupo de tratamento). Em relação à busca por empréstimos, o grupo de tratamento apresentou uma proporção ligeiramente maior de empresas que buscaram empréstimos (0,6154) em comparação com o grupo de controle (0,5454). Esses resultados indicam que, apesar de haver diferenças em algumas variáveis entre os dois grupos, como as empresas com dívidas/empréstimos em atraso, outras variáveis, como as empresas com funcionamento interrompido ou fechado, não apresentaram grande discrepância.

Tabela 3 – Resultado do pareamento do grupo de tratamento e controle.

Variáveis	Tratamento N = 173 Média	Desvio padrão	Controle N= 173 Média	Desvio padrão	t-test
Funcionamento (interrompido/fechou=1)	0,3077	0,4803	0,2727	0,4670	$p=0,3910$
Dívidas/empréstimos (em atraso=1)	0,3077	0,4803	0,4546	0,5222	$p=0,6376$
Buscou empréstimos (sim=1)	0,6154	0,5063	0,5454	0,5222	$p=0,6376$
Faturamento (aumentou=1)	0,0769	0,2273	0,0000	0,0000	$p=0,3910$
Lançamento de novos produtos/serviços (sim=1)	0,2308	0,4385	0,3636	0,5045	$p=0,3910$
Número de pessoas ocupadas	6,69	16,17	5,45	10,03	$p=0,7177$
Volta ao normal (meses)	13,46	8,41	15,09	7,06	$p=0,7668$
Situação atual (Possui dificuldade=1)	0,5385	0,5188	0,5454	0,5222	$p=1,0000$

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em relação ao faturamento, as empresas do grupo tratamento apresentaram uma média de 0,0769, enquanto as do grupo controle não apresentaram aumento algum. Já em relação ao lançamento de novos produtos/serviços, as empresas do grupo tratamento apresentaram uma média de 0,2308, enquanto as do grupo controle tiveram uma média maior, de 0,3636. No que se refere ao número de pessoas ocupadas, a média foi de 6,69 para o grupo tratamento e de 5,45 para o grupo controle. Com relação à expectativa de volta ao normal, a média das empresas do grupo tratamento foi de 13,46 meses, enquanto as do grupo controle apresentaram uma média de 15,09 meses. Por fim, a média de empresas que declararam possuir dificuldade foi de 0,5385 para o grupo tratamento e de 0,5454 para o grupo controle.

Os resultados obtidos mostraram diferenças importantes entre os grupos de tratamento e controle, sendo que a redução significativa na heterogeneidade após o pareamento possibilitou inferências mais precisas sobre o impacto das variáveis analisadas nas empresas. No entanto, a análise do *t-test* para médias não identificou significância estatística nas diferenças entre os grupos após o pareamento. Em outras palavras, embora tenha existido muitas diferenças entre o grupo de tratamento e as demais MPMEs, elas não se sustentaram com a análise estatística implementada. Portanto, rejeitar a hipótese nula de que a diferença entre as médias é igual a zero poderia levar a uma elevada probabilidade de erro.

Os resultados obtidos neste estudo, analisados por meio do teste *t*, contribuíram para a compreensão das respostas à crise entre empresas do setor turístico e de outros setores, conforme delineado no objetivo deste trabalho. Ao examinar as médias de faturamento, lançamento de novos produtos/serviços, número de pessoas ocupadas, expectativa de volta ao normal e declaração de dificuldades entre os grupos de tratamento e controle, constatou-se que as diferenças não alcançaram significância estatística. Portanto, os resultados indicaram uma similaridade nas respostas das empresas dos dois grupos diante das crises e reforçou a conclusão proposta pelo estudo em relação a essas variáveis específicas.

Apesar do turismo ser considerado como um dos setores mais vulneráveis a crises econômicas, terrorismo e pandemias (Hu et al., 2021; Yang et al., 2021), os dados desse estudo contrariaram esse argumento e evidenciaram que essas diferenças não podem ser demonstradas pelo método estatístico proposto. Nesse sentido, algumas contingências puderam ser elaboradas como o efeito positivo exercido pelo turismo doméstico, que teria sido capaz de equilibrar as perdas ocasionadas pelas restrições de circulação (Nguyen, 2022). Outra possibilidade observada durante a crise foi a compensação da queda na demanda pelas percepções de padronização de transportes, canais de distribuição, prevenção em destinos superpovoados, além de medidas de higiene e segurança (Rahman, Gazi, Bhuiyan & Rahaman, 2021). Com o avanço da vacinação e a flexibilização das restrições, o turismo começou a mostrar sinais de recuperação, adaptando-se às novas condições de

mercado e aproveitando o aumento do consumo compensatório, especialmente em períodos em que as viagens ainda eram restritas por preocupações sanitárias (Zhang, Lingyi, Peixue, Lu & Zhang, 2021). Atualmente, o setor busca consolidar essas adaptações enquanto avalia os impactos duradouros das mudanças provocadas pela pandemia, visando a sustentabilidade e a resiliência a longo prazo.

Os estudos sobre os efeitos de choques externos em empresas têm revelado a existência de diferentes respostas organizacionais, sobretudo em pesquisas que comparam empresas turísticas com aquelas atuantes em outros setores econômicos. Apesar disso, grande parte dessas análises foram conduzidas de forma agregada e uma menor atenção foi dada a estudos no nível da empresa.

A presente proposta de pesquisa demonstrou que o pareamento das empresas pode ser visto como uma técnica relevante para o controle da heterogeneidade entre os grupos, garantindo maior confiabilidade aos resultados das análises. Os resultados do pareamento mostraram que não há evidências para suportar a hipótese de que empresas turísticas respondam a choques externos de forma diferente das demais MPMEs de outros setores. Uma implicação prática e gerencial desse resultado é que, pelo menos nas variáveis estudadas, é preciso considerar o benefício em relação ao seu custo de ações e estratégias específicas a serem implementadas em resposta à crise.

Esses resultados, reforçaram os argumentos a favor da responsabilização dos governos no desenvolvimento de políticas para combater a epidemia e oferecer capital de giro a baixo custo (Mottin et al., 2022). Entretanto, as políticas específicas para MPMEs no setor de turismo precisariam ser justificadas em termos mais abrangentes e que enfatizem os benefícios adicionais que o turismo pode produzir, como o potencial de beneficiar os segmentos de renda mais baixa da população, contribuindo para a redução da desigualdade de renda (Blake, Arbache, Sinclair, & Teles, 2008), e a capacidade de gerar uma alocação mais eficiente de recursos, reduzindo as disparidades regionais dentro do país (Haddad, Porsse & Rabahy, 2013).

O mesmo raciocínio foi estendido para políticas específicas para o setor, como linhas de crédito especiais com taxas de juros mais baixas e condições de pagamento mais flexíveis, adiamento de tributos, subsídios e auxílios financeiros e flexibilização de normas trabalhistas. Em outras palavras, faz-se necessário um maior esforço para avaliar os resultados dessas políticas e justificá-las em termos de custo e benefícios perante a sociedade. Ainda que os benefícios do incentivo às atividades turísticas tenham sido amplamente suportados pela literatura, a justificativa para ações específicas para o turismo em resposta à crise precisa ser mais bem compreendida e explicitada, para que ganhem o apoio de todos os segmentos da sociedade.

5. Conclusão

Este artigo teve como objetivo avaliar, em perspectiva comparada, as respostas de MPMEs a choques externos e crises em diferentes setores econômicos, investigando se existem diferenças em termos de desempenho, vulnerabilidade e incerteza entre as MPMEs no setor de turismo em relação a outros setores econômicos. Para tanto, foi adotado um método quase experimental usando um conjunto de dados exclusivo que investiga os impactos da COVID-19 em 6.138 MPMEs sediadas no Brasil.

Diante da ocorrência de choques externos e crises sistêmicas, como a pandemia da COVID-19, as MPME têm enfrentado desafios específicos, como a diminuição da demanda e a escassez de crédito financeiro disponível. O setor do turismo foi fortemente impactado pelas restrições de circulação e distanciamento social, que reduziram significativamente a demanda por serviços turísticos, gerando prejuízos econômicos para empresas e destinos turísticos. Embora exista uma ampla literatura sobre as respostas das organizações a choques externos e crises, a maioria dessas análises e metodologias foram conduzidas de forma agregada, com menos atenção dada a estudos no nível da empresa.

Os resultados obtidos indicaram a existência de diferenças importantes entre as médias entre os grupos de tratamento e controle, antes do pareamento. Entretanto, a análise das médias não revelou evidências com significância estatística nas diferenças entre os grupos após o pareamento sugerindo que as diferenças observadas podem ter ocorrido por acaso ou por outras variáveis não controladas pelo estudo. Assim, o estudo contribuiu para a compreensão das diferenças de respostas entre MPMEs turísticas e MPMEs dos demais setores para o desenvolvimento, formulação e avaliação de políticas públicas e estratégias específicas para o setor do turismo, com o objetivo de preservar a oferta turística e a geração de empregos e renda local. Como o valor-p encontrado é maior que o nível de significância escolhido (0,05), não há evidências para rejeitar a hipótese nula, ou seja, não há evidências estatísticas suficientes para concluir que existe diferença relevante entre as médias das variáveis medidas após o pareamento.

Em outras palavras, os resultados encontrados neste estudo não indicaram diferenças específicas nas respostas à crise entre empresas do setor turístico e as de outros setores. Uma implicação política desse resultado é a necessidade crescente de evidenciar todos os impactos e benefícios sociais do turismo, a fim de justificar devidamente, do ponto de vista social, a implementação de políticas específicas para o setor. Isso ressalta a importância de uma abordagem fundamentada em dados para informar decisões políticas e destaca a necessidade de uma compreensão abrangente dos impactos do turismo na sociedade para embasar intervenções governamentais.

Este trabalho apresenta algumas limitações a serem consideradas. Primeiramente, a pesquisa se concentra nas respostas das MPMEs do setor de turismo diante da pandemia da COVID-19, limitando sua generalização para outros contextos de crises. Além disso, esse recorte setorial, ainda que oportuno para a presente proposta, pode afetar a representatividade dos resultados. A abordagem quase experimental, embora valiosa, está sujeita a possíveis vieses e limitações inerentes a esse método. Por fim, apesar dos esforços de pareamento, variáveis não observadas podem influenciar os resultados. Essas limitações ressaltam a necessidade de cautela na interpretação e sugerem oportunidades para futuras pesquisas mais abrangentes.

6. Referências

- Adedoyin, F. F., Erum, N., & Bekun, F. V. (2022). How does institutional quality moderates the impact of tourism on economic growth? Startling evidence from high earners and tourism-dependent economies. *Tourism Economics*, 28(5), 1311–1332. <https://doi.org/10.1177/1354816621993627>
- Amore, M. D. (2015). Companies learning to innovate in recessions. *Research Policy*, 44(8), 1574–1583. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2015.05.006>
- Araújo, E., Lino, L., & Feitosa, P. (2015). Impactos do Turismo sobre o Emprego na Região Metropolitana de Vitória-ES: uma aplicação de coeficientes de demanda. *Turismo em Análise*, 26(3), 518-540. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i3p518-540>
- Aristei, D., Sterlacchini, A., & Venturini, F. (2017). Effectiveness of R&D subsidies during the crisis: Firm-level evidence across EU countries. *Economics of Innovation and New Technology*, 26(6), 554-573. <https://doi.org/10.1080/10438599.2016.1249543>
- Arroio, A., & Scerri, M. (Eds.). (2014). *The Promise of Small and Medium Enterprises: BRICS National Systems of Innovation* (1st ed.). Routledge India. <https://doi.org/10.4324/9781315734163>
- Bartik, A. W., Bertrand, M., Cullen, Z., Glaeser, E. L., Luca, M., & Stanton, C. (2020). The impact of COVID-19 on small business outcomes and expectations. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 117(30), 17656–17666. <https://doi.org/10.1073/pnas.2006991117>
- Beck, T., Demirgüç-Kunt, A., & Maksimovic, V. (2005). "Financial and legal constraints to growth: Does firm size matter?" ("Financial and Legal Constraints to Growth") *Journal of Finance*, 60(1), 137–177. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6261.2005.00727.x>
- Blake, A., Arbache, J. S., Sinclair, M. T., & Teles, V. (2008). Tourism and poverty relief. *Annals of Tourism Research*, 35(1), 107-126. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2007.06.013>
- Blavatsky, P. (2021). Uma medida de ambiguidade (incerteza knightiana). *Teoria Decis*, 91, 153–171. <https://doi.org/10.1007/s11238-020-09798-6>
- Botelho, A. (2018). Casinos in Goa: The challenge ahead is to implement sustainable strategies to minimize their ill-effects. *International Journal of Hospitality & Tourism Systems*, 11(2), 56-62.
- Brookhart, M. A., Schneeweiss, S., Rothman, K. J., Glynn, R. J., Avorn, J., & Stürmer, T. (2006). Variable selection for propensity score models. *American journal of epidemiology*, 163(12), 1149-1156.
- Butler, J.E., & Sullivan, J.J. (2005). Crisis Response Tactics: U.S. Smes' Responses to the Asian Financial Crisis. *Journal of Business and Entrepreneurship*, 17, 56.

- Cró, S., & Martins, A. M. (2017). Rupturas estruturais na demanda turística internacional: elas são causadas por crises ou desastres? *Gestão de Turnês*, 63, 3-9. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.05.009>
- da Silva, P., El-Aouar, W., Silva, A., Castro, A. B., & Sousa, J. (2018). A Resiliência no Empreendedorismo Feminino. *Gestão e Sociedade*, 13, 34, 2346. <https://doi.org/10.21171/ges.v13i34.2346>
- Das, K., & Pradhan, J. P. (2009). Externally Oriented Small and Medium Enterprises: Predicament and Possibilities. MPRA Paper, 15522.
- Dibiasi, A., & Iselin, D. (2021). Medindo a incerteza knightiana. *Empirical Economics*, 61, 2113-2141. <https://doi.org/10.1007/s00181-021-02106-3>
- Domac, I., & Ferri, G. (1999). Did the East Asian Crisis Disproportionately Hit Small Businesses in Korea? *Economic Notes*, 28(3), 403-429. <https://doi.org/10.1111/1468-0300.00020>
- Fairlie, R. W. (2020). The Impact of COVID-19 on Small Business Owners: Continued Losses and the Partial Rebound in May 2020. NBER Working Paper Series, 27462. <https://doi.org/10.3386/w27462>
- Feitosa, P., & Garcia, R. (2022). Economic crisis, innovation, and organizational responses: evidence from Brazil. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, 14(2), 407-432. <https://doi.org/10.1108/JEEE-05-2022-0145>
- Ferreira, F., & Gyourko, J. (2015). A new look at the US foreclosure crisis: Panel data evidence of prime and subprime borrowers from 1997 to 2012 (No. w21261). National Bureau of Economic Research.
- Forbes, K. J. (2002). How Do Large Depreciations Affect Firm Performance? NBER Working Paper Series, 9095. <https://doi.org/10.3386/w9095>
- Gonçalves, C. C. S.; Faria, D. M. C. P.; Horta, T. A. P. (2020). Metodologia para Mensuração das Atividades Características do Turismo: uma aplicação para o Brasil e suas Unidades da Federação. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, 14 (3), p. 89-108, set./dez. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i3.1908>
- Haddad, E. A., Porsse, A. A., & Rabahy, W. (2013). Domestic Tourism and Regional Inequality in Brazil. *Tourism Economics*, 19(1), 173–186. <https://doi.org/10.5367/te.2013.0185>
- Holcombe, R. G. (2013). South Korea's Economic Future: Industrial Policy, or Economic Democracy? *Journal of Economic Behavior and Organization*, 88, 3-13. <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2011.07.021>.
- IBGE. (2022). Informativo: Estatísticas do Cadastro Central de Empresas 2021 [Informativo]. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101975_informativo.pdf

IPEA. (2016). Metodologia de cálculo da distribuição de renda nacional: uma aplicação da matriz de contabilidade social de 2010 [Documento de trabalho]. Recuperado de https://www.ipea.gov.br/extrator/arquivos/160204_td_metodologia.pdf

Juergensen, J., Guimón, J., & Narula, R. (2020). European SMEs amidst the COVID-19 crisis: assessing impact and policy responses. *Journal of Industrial and Business Economics*, 47, 499 - 510.

Kiefer, K., Heileman, M., & Pett, T. L. (2022). Does gender still matter? An examination of small business performance. *Small Business Economics*, 58(1), 141-167.

Kocak, E., Okumus, F., & Altin, M. (2022). Global pandemic uncertainty, pandemic discussion, and visitor behaviour: A comparative tourism demand estimation for the US. *Tourism Economics*, 0(0). (“Tourism Economics - Volume 0, Number 0,”) <https://doi.org/10.1177/13548166221100692>

Lee, C. G., & How, S.-M. (2022). Lee, C. G., & How, S. M. (2022). The impacts of domestic and global economic policy uncertainties on the hotel room demand: Evidence from Singapore. *Tourism Economics*, 13548166221086062.

Lee, Neil, Hiba Sameen, and Marc Cowling. (2015). Access to Finance for Innovative SMEs since the Financial Crisis. *Research Policy* 44 (2): 370–80. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2014.09.008>.

Linnenluecke, Martina K. (2017). Resilience in Business and Management Research: A Review of Influential Publications and a Research Agenda. *International Journal of Management Reviews* 19 (1): 4–30. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12076>.

Lopes, M. M., & Panosso Netto, A. (2021). Análise das políticas federais de turismo no Brasil (1930 a 2020). *Ateliê do Turismo*, 5(2), 200-224. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/adturismo/article/view/13205/9387>

Ministério do Turismo. (2022). Relatório estatístico. Recuperado de <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/fungetur/transparencia/25-07-2022-relatorio-estatistico-julho-2022.pdf>

Mottin, F., Lago, E. C. W., de Meza, M. L. F. G., & Guimarães, I. A. (2022). Fungetur e pandemia: análise das operações de crédito contratadas pelos clusters turísticos brasileiros de 2018 a 2020. *Brazilian Journal of Development*, 8(6), 44076-44098.

Mulhern, A. (1996). Venezuelan small businesses and the economic crisis: Reflections from Europe. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 2(2), 69–81. <https://doi.org/10.1108/13552559610119340>

Narjoko, D., & Hill, H. (2007). Winners and losers during a deep economic crisis: Firm-level evidence from Indonesian manufacturing. *Asian Economic Journal*, 21(4), 343–368. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8381.2007.00261.x>

- Nguyen, C. P., Thanh, S. D., & Nguyen, B. (2022). Economic uncertainty and tourism consumption. *Tourism Economics*, 28(4), 920–941. <https://doi.org/10.1177/1354816620981519>
- Nogueira, M. (2016). O panorama das políticas públicas federais brasileiras voltadas para as empresas de pequeno porte. Brasília: Ipea. (Texto para Discussão, n. 2217).
- Nugent, J. B., & Yhee, S. J. (2002). Small and medium enterprises in Korea: Achievements, constraints and policy issues. *Small Business Economics*, 18(1–3), 85–119. <https://doi.org/10.1023/A:1015181911497>
- Özar, Ş., Özertan, G., & Irfanoğlu, Z. B. (2008). Micro and small enterprise growth in Turkey: Under the shadow of financial crisis. *Developing Economies*, 46(4), 331–362. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1049.2008.00069.x>
- Papadopoulos, T., Baltas, K. N., & Balta, M. E. (2020). The use of digital technologies by small and medium enterprises during COVID-19: Implications for theory and practice. *International Journal of Information Management*, June. Advance online publication. <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2020.102192>
- Paunov, C. (2012). The global crisis and firms' investments in innovation. *Research Policy*, 41(1), 24–35.
- Pereira, A., Feitosa, A., & Henrique, P. (2022). Turismo, economia criativa e a Covid-19 no Brasil: Um estudo sobre a sobrevivência das micro e pequenas empresas. *Revista Eletrônica de Administração e Turismo*, 16(1), 179–189.
- Rahaman, M. A., Luna, K. F., MITE, S., Islam, M., & Wafik, H. (2021). The effect of entrepreneurial orientation, market orientation and gender on business performance: An empirical study of SMEs in Bangladesh. *The Journal of Asian Finance, Economics and Business*, 8(6), 741–746.
- Rahman, M.K., Gazi, M.A., Bhuiyan, M.A., & Rahaman, M.A. (2021). Effect of Covid-19 pandemic on tourist travel risk and management perceptions. *PLoS ONE*, 16.
- Sato, Y. (2000). How Did the Crisis Affect Small and Medium-Sized Enterprises? From a Field Study of the Metal-Working Industry in Java. *Developing Economies*, 38(4), 572–595. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1049.2000.tb00891.x>
- Sidorkin, O., & Srholec, M. (2014). Surviving the Times of Crisis: Does Innovation Make a Difference? *International Journal of Technological Learning, Innovation and Development*, 7(2), 124–146. <https://doi.org/10.1504/IJTLID.2014.065881>
- Staples, A.J., & Krumeel, T.P. (2022). The Paycheck Protection Program and small business performance: Evidence from craft breweries. *Small Business Economics*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s11187-022-00717-3>

- Tan, H. H., & See, H. H. (2004). Strategic Reorientation and Responses to the Asian Financial Crisis: The Case of the Manufacturing Industry in Singapore. *Asia Pacific Journal of Management*, 21(1–2), 189–211. <https://doi.org/10.1023/b:apjm.0000024083.66366.b1>
- Varum, C. A., & Rocha, V. C. (2013). Employment and SMEs during Crises. *Small Business Economics*, 40(1), 9–25. <https://doi.org/10.1007/s11187-011-9343-6>
- Wengel, J. T., & Rodriguez, E. (2006). SME Export Performance in Indonesia after the Crisis. *Small Business Economics*, 26
- Williams, A. M., Rodríguez Sánchez, I., & Škokić, V. (2021). Innovation, Risk, and Uncertainty: A Study of Tourism Entrepreneurs. *Journal of Travel Research*, 60(2), 293–311. <https://doi.org/10.1177/0047287519896012>.
- Yang, Y., Zhang, CX., & Rickly, JM. (2021). A review of early research on COVID-19 in tourism: Launching the Annals of Tourism Research Curated Collection on coronavirus and tourism. *Annals of Tourism Research*, 91, 103313. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2021.103313>
- Yi Lu, Jing Wu, Junlin Peng & Li Lu (2020) The perceived impact of the Covid-19 epidemic: evidence from a sample of 4807 SMEs in Sichuan Province, China, *Environmental Hazards*, 19:4, 323-340. DOI: 10.1080/17477891.2020.1763902.
- Zhang, W., Williams, A. M., Li, G., & Liu, A. (2022). Entrepreneurial responses to uncertainties during the COVID-19 recovery: A longitudinal study of B&Bs in Zhangjiajie, China. *Tourism Management*, 91, 104525.
- Zhang, Y., Lingyi, M., Peixue, L., Lu, Y., & Zhang, J. (2021). O impacto da COVID-19 no turismo: a intenção de viagem compensatória aparecerá? *Revista Ásia-Pacífico de Pesquisa em Turismo*, 26, 732 - 747.
- Zhang, J. (2023). Tourism and rural income inequality: Empirical evidence for China. *Current Issues in Tourism*, 26(1), 153-170.
- Zhao, H., O'Connor, G., Wu, J., & Lumpkin, G. T. (2021). Age and entrepreneurial career success: A review and a meta-analysis. *Journal of Business Venturing*, 36(1), 106007.

ⁱ Aitoria

Ananda Aparecida Rossi Bastos - anandabastos@usp.br

Paulo Henrique Assis Feitosa - pfeitosa@usp.br